

O FANTASMA DA UNIDADE CULTURAL NA METÁFORA PALINÓDICA DO BRASILEIRO ALEMÃO

Sérgio Bairon*

RESUMO: O fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão, apresenta-se como uma projeção da história da "cultura européia" no Sul do Brasil. A crença de que aqui reproduziu-se, em micro-regionalidades, uma Alemanha ou uma Itália, apresenta-se de forma muito clara ainda neste final de século. O presente desafio para a compreensão desta história percorre dois polêmicos caminhos. De um lado, a psicanálise cultural, que pode possibilitar, não uma "terapia do social" como na proposta culturalista norte-americana, mas sim, uma exploração da psicanálise enquanto uma teoria da linguagem. De outro lado, uma hermenêutica cultural, que tem por escopo a identificação de significações universais, presentes em tais regionalidades. Este texto não se enquadra nos caminhos obnubilados da atual História das Mentalidades, no que diz respeito à Psicanálise ou à hermenêutica Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: fantasma, metáfora, palinódico, outro, denegação

A história da colonização e da cultura alemã no Sul do Brasil tornou-se uma grande narrativa epopéica que ultrapassa, fundamentalmente, por uma mescla dos conceitos de raça e nação¹. Inspirados nesta semântica devemos levantar uma

* Doutor em História Social pela FFLCH/USP e Pós-doutorando na Universidade Livre de Berlim.

1 "A História da Colonização é um hino de louvor a esses intrépidos pioneiros que em trabalhos e lutas esforçados, mais do que permitia a força humana, não desanimaram, nem nas situações mais difíceis que se possa imaginar, lançando os alicerces de um monumento cultural que nos enche de orgulho." PIETRY, Leopoldo. *História da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. Rotermond, 1936, p.2; A História da Colonização havia se tornado uma verdadeira epopéia, na qual as atitudes heróicas de toda uma comunidade garantiram a saga do colono alemão. Engana-se, porém, aquele que pensar que existem sujeitos históricos de nomes-próprios bem definidos em tal discurso. Neste discurso, o sujeito da narrativa é o colono, símbolo da comunidade, o herói é anônimo e define-se na relação de qualquer colono com sua "nova" Heimat: "Onde as palmeiras farfalham, onde o sabiá canta, onde da capelinha da colina o sino soa, onde o colono planta, ara e gradeia, onde entre as folhas verdes escuras a laranja aparece madura, onde à sombra das palmeiras colocava o berço. Ali é minha pátria, meu torrão Rio-Grandense. Onde o Dois Irmãos nos saúda olhando do norte para nós, o quilombo e o sapucaia, resplandecentes nos

série de questões: qual o motivo da cultura da região alemã através de seus textos históricos remeter-se onticamente² à Alemanha? Qual a razão da contínua existência de um discurso denegatório de tudo que possa apresentar uma alteridade do alemão? Ou, porque o discurso incentivado por conceitos nacionalistas e deterministas³ persistiu na homogeneização de todo elemento cultural regional?

As marcas da diversidade cultural que até os dias de hoje pretendem identificar o Sul enquanto, não só testemunha, mas verdadeiro reduto civilizador-folclórico da cultura européia, podem ser compreendidas como resultado da construção de um longo discurso fantasmático-racista que se

conduziam ao descanso onde uma colina ensolarada ao longo da estrada, as casas nos acenam, tão limpas e brilhantes, onde o jardim as cerca como faíza florida, ali é pátria, meu torrão Rio-Grandense. Onde o campo se espalha tão solitário e verde." Citado em MÜLLER, T.L. *Colônia Alemã - 160 Anos de História*. Caxias do Sul: Editora Universidade de Caxias do Sul, 1984, p.116-118. Todos depoimentos historiográficos da chamada colônia alemã do Sul do Brasil, situam-se no sentido de privilegiar a unidade do significado, o estilo sujeito-objeto, as noções de progresso e de resgate da História "tal qual existiu": "wie es eigentlich gewesen". Próximo de Leopoldo von Ranke a história seria o "res gestae", o conhecimento um reflexo da verdade e o historiador o sujeito imparcial do conhecimento. Sem nenhuma reflexão teórica ou filosófica, os fatos surgem dos documentos de uma forma objetiva e positiva. A inspiração, sem dúvida, vem das ciências naturais, onde preponderava a possibilidade do conhecimento totalizante, na generalização de progresso social e econômico da Colônia Alemã. Não acreditamos que a atual História das Mentalidades francesa tenha rompido profundamente com tais princípios.

- 2 Com exceção dos trabalhos de Günter Weimer, Walter Koch e outros poucos que pesquisaram, de alguma forma, a cultura regional alemã do Sul do Brasil, a grande maioria da bibliografia, refere-se à Alemanha de modo a tratá-la como uma única representação cultural. Ver SANT'ANNA, Sérgio Bairon Blanco. *A História Palinódica*. Tese de doutoramento apresentada no Departamento de História da FFLCH/USP, 1991 (mimeo.).
- 3 O problema básico do discurso nacionalista é que fantasmagoriza uma coerência cultural que não está presente no universo simbólico alemão. A narrativa epopéica demonstra ter sua origem no caminho traçado anteriormente pela Liga Pan-germânica: "A Liga Pan-germânica, portanto, não só era partidária de uma Grossdeutschland, mas também de uma entidade que incluiria todos os alemães do mundo, não importando o país em que vivessem. Esta comunidade seria possível porque a nacionalidade, para o alemão, é obtida por direito de sangue e não pelo fato de ter nascido na Alemanha. Neste sentido o cidadão pode ser vinculado a um Estado, mas não ao nacional. Por isso, na concepção Pan-germânica, todos os alemães e descendentes em todo o mundo, poderiam formar uma unidade nacional sem se constituírem, necessariamente, em traidores dos estados dos quais são cidadãos. E, assim sendo, trabalharem para tornar a Alemanha uma forte potência mundial, seja abrangendo mercados para indústria e comércio alemães, seja divulgando a cultura alemã." SEYFERTH, Gerald. *Nacionalismo e Identidade Étnica. A Ideologia Germanista e Grupo Étnico Tuto-brasileiro numa Comunidade do Vale do Itajaí*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH/USP, 1976 (mimeo.), p.45-46.

construiu desde o final do século XIX. Estes fantasmas⁴ de um Grande Outro Epopéico⁵, baseados em vários e distantes horizontes históricos, aparecem de forma narrativa como uma encenação imaginária, na qual o sujeito do discurso situa-se, primordialmente, na realização de anseios identitário-regional-cultural. Como que num sonho diurno⁶, o alemão do Sul só é capaz de relembrar seu passado passando por significantes da identidade coletiva que é fornecida pela sua imaginária pátria-mãe. Através desta idealização, nas colônias alemãs do Sul do Brasil, ascendeu, com cada vez mais força, uma narrativa epopéica.

Foi justamente em função da necessidade de reconstruir a imagem maior da pátria-mãe (Alemanha)⁷ que o significante nacionalista "alemão" passou a ter mais influência na interpretação da cultura regional, do que as próprias significações heterogêneas características do Sul do Brasil. No imaginário mnêmico institucional do teuto-brasileiro, a óptica germanista foi construindo-se resgatando desesperadamente qualquer dimensão de imagem que remetesse à pátria-mãe. O imaginário cultural⁸, neste instante, se apre-

4 O conceito fantasma, utilizado no presente texto, não pressupõe somente um recurso literário-formal. Pretende, pois, servir de argumento teórico com o escopo de aproximar a psicanálise freudiana da análise cultural. Os capítulos 03 e 04 de minha tese de doutoramento citada acima, trabalham detalhadamente esta questão. Por ora, cabe salientar que fantasma é uma encenação discursivo-imaginária na qual o indivíduo está presente e atua alcançando de forma mais ou menos conformada a realização de um anseio de identidade.

5 O Grande Outro Epopéico é como resolvemos designar a articulação discursiva que determinou o simbólico cultural da chamada região alemã do Sul do Brasil. Foi a convenção discursiva por excelência que passou a determinar um sentido para a ordem simbólica regional. Como já dizia Roland Barthes "o Outro é toda a fala, o Outro é Social". BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.104. O Outro é, prioritariamente, função. No caso da cultura teuto-brasileira, o Outro pode ser um código de linguagem. O Outro Epopéico, enquanto cumpre um papel de realização alucinatória do desejo, é em totalidade a pátria-mãe, é o todo cultural que resume as inúmeras ausências do dia a dia. Enquanto função, está presente como referente estável, identifica e dá subsídios para a recordação; e, como código, o Outro Epopéico sustenta-se na "defesa da integridade da língua alemã".

6 Na narrativa do Grande Outro Epopéico, não há fronteiras entre os sonhos individual e coletivo. Próximo da conceituação freudiana de sonho diurno, busca-se uma reconciliação com uma identidade coletiva que, imagina-se, se perdeu. É no terreno imaginário que se manifesta o sonho diurno.

7 Reconstruir a pátria-mãe tornou-se o principal objetivo dos descendentes dos imigrantes.

8 Há, então, uma preponderância de uma relação fantasmática com a imagem de um semelhante: "alemão". No imaginário cultural teuto-brasileiro há sempre o Outro "alemão" que remete ao "eu". O "eu" teuto-brasileiro seria originariamente o Outro "alemão". No imaginário cultural não só a identidade é imaginária, como o próprio diverso de si. No imaginário cultural, há uma identificação com o que se desejaria transformar e que permaneceu no lugar da plenitude, ou seja, da idealização. O teuto-brasileiro vê como sua própria representação outra imagem que não a sua, sendo que nessa, é preciso realçar, não há nada além do que ele aí colocou: um caminhar de autosimulação através do Outro. Na consciência imaginária do teuto-brasileiro acabou ocorrendo uma oposição imediata entre a consciência de si e do outro. Neste sentido, o teuto-brasi-

sentou através de um número sem-fim de imagens sob uma significação maior: "alemão". A cultura alemã reconstrói-se, lá no Sul do Brasil, como uma colcha de retalhos que pretende, a todo custo, simular a si mesma.

A cultura alemã oferece, por um lado, o fundamento da possibilidade de identidade coletiva e, por outro, a relação do discurso fantasmático de alemão com todo e qualquer objeto material do cotidiano. Na construção do fantasma de alemão, não aparece nem especificamente o objeto, nem unicamente a identificação, mas o estabelecimento de uma relação narrativa profundamente imaginária entre ambos. Dizemos "profundamente imaginária" por que a iniciativa institucional, governamental ou não, sempre deu-se através da necessidade de negar seu próprio mundo; e este discurso em prol da pátria-mãe acontecia numa temporalidade muito anterior à ascensão do discurso nazista que, como sabemos, ratificou aquele.

Acreditamos, então, que uma significação central sustentou a sobrevivência do universo simbólico teuto-brasileiro: a presença de uma ausência. Ou seja, a presença da pátria-mãe no imaginário teuto-brasileiro na forma de pequenas narrativas metafóricas já que no campo simbólico ela está ausente. Aqui, a *rememoração*⁹ tornou-se o principal sustentáculo da memória coletiva articulando-se através da lógica de uma geografia imaginária, onde a imagem de qualquer "objeto alemão" remete à pátria-mãe.

leiro, na procura de si mesmo, acredita encontrar-se na narrativa epopéica de sua colonização e perde-se em tudo que não é ela. No imaginário cultural da região houve então, uma preponderância de reminiscências da pátria-mãe que, por sua vez, não buscava uma interpretação da realidade cotidiana, mas sim a montagem e repetição de fantasmas culturais. Os fantasmas, fruto de um pensamento essencialmente imaginário, têm uma relação ambígua com o discurso sobre a realidade. Ao mesmo tempo em que agem como defesa, simulando o que causa desprazer, preservam a memória coletiva da frustração que os originou, inclusive, numa via de recuperação do passado. O imaginário cultural na leitura fantasmática encobre e produz compreensão concomitantemente: "O fantasma é o avesso do mundo sempre presente para suportá-lo". JURANVILLE, Alain. *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p.171.

- 9 Na narrativa fantasmática, a pátria-mãe que acolhia seus filhos ficou no passado, patilizada, na mesma imagem acolhedora. Tal imagem, passava a importar muito mais do que a miserável condição de grande parte da população centro-européia no século passado. Ver: WEIMER, G. *A Arquitetura da Imigração Alemã*. Porto Alegre: Nobel, 1983, pp.22 a 35; BONNEFON, Charles. *História da Alemanha*. São Paulo: Nacional, 1945; SCHNEIDER, Jürgen. "Imigração Alemã para o Brasil." IN: Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros, 3, Anais. Porto Alegre, 1974. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1980, p.77-106. Rememoração e reminiscência aproximam-se no ato de recuperar elementos perdidos no encadeamento da história simbólico-cultural da região. Simbólico e imaginário complementam-se na ação de toda recordação que encobre a informação causadora de desprazer. No caso teuto-brasileiro, toda rememoração liga-se à repetição que tem por escopo manter uma unicidade cultural. A falta presente da pátria-mãe retorna e se repete continuamente através de rememorações e reminiscências culturais.

O fantasma é histórico e ao mesmo tempo ilusório. Seu aspecto ilusório o torna essencialmente subjetivo e, portanto, imaginário. Seu caráter histórico surge através de um veio coletivo-cultural e, portanto, simbólico. Entre os registros imaginário e simbólico o fantasma define a relação do teuto-brasileiro com seu Grande Outro Cultural: a Alemanha.

Mas que Outro é este? O Outro necessariamente tem a ver com o outro, sempre no interior da articulação que objetive uma vivência de identidade coletiva¹⁰. O Outro não é um sujeito ou um lugar. O Outro é a possibilidade de significação¹¹, que articula-se tanto no nível imaginário¹² quanto no simbólico¹³. Este discurso do Outro marca o teuto-brasileiro desde o nascimento.

O que preponderou enquanto fundamento da memória cultural regional, foi a ação determinante de pequenos romances metafórico-idealizadores, responsáveis pela sustentação da existência do fantasma pois quanto mais tivermos contato com depoimentos, álbuns comemorativos etc. da chamada colônia alemã do Sul do Brasil, mais notaremos que a imagem que o teuto-brasileiro foi construindo de si mesmo é, sem dúvida, sua própria, porém, essencialmente é a de um outro. Não que tal fato deva remeter à questão da

-
- 10 A narrativa do Grande Outro Epopéico possibilitou um cem número de imagens de identidade coletiva para a região. O Grande Outro Epopéico deveria garantir ao teuto-brasileiro a sensação de vitória sobre o cotidiano: "Se não tivesse havido dificuldades de toda ordem a serem vencidas, então o trabalho de nossos antepassados não poderia ser exaltado de maneira como o fazemos, nem tampouco nos encheria de orgulho, pois somente aquilo que se conquista com sacrifício é que tem valor e somente na luta contra a adversidade o homem se torna verdadeiramente grande sendo justamente ante essas lutas titânicas de nossos antepassados que nos curvamos cheios de respeito e veneração, mas também cheios de orgulho." PETRY, L. *História da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond, 1936, p.16.
 - 11 Identificamos que o Grande Outro Epopéico garantiu a manutenção de vários paradigmas à busca de reforçar instituições de cunho germanista. Nesse aspecto, a narrativa do Grande Outro Epopéico aproxima-se, enquanto método, do que Karl Otto Apel apontava como solipsismo metódico: "Hoy en día mostraríamos sin dificultad al pensador solitario, que se crea obligado a mantener el solipsismo metódico que ya presupone un juego lingüístico público incluso con los argumentos que para él mismo deben tener validez: por ejemplo, en el caso de la expresión meramente en la conciencia al juego lingüístico presupuesto hace depender el sentido del argumento de hecho de que todo o pensable está meramente en la conciencia." APEL, K.O. *La Transformación de la Filosofía*. Madrid: Editorial Taurus, 1986. v.II.p.301; tais questões, porém, precisam ser melhor aprofundadas.
 - 12 É preciso se ter claro que desde a infância, o teuto-brasileiro, preponderantemente até a década de 1940, constituía seu mundo através dos dialetos ou do "hochdeutsche". Pelo menos até tal período, sua compreensão de mundo não se dava em português. Mais do que isso, toda recordação não se dava em português.
 - 13 Sujeito não enquanto contrapartida de objeto a ser conhecido e revelado, mas enquanto a possibilidade de atuação de uma linguagem que deixa seu mundo revelar-se. Neste sentido, o Grande Outro Epopéico, acima de tudo, significa!

existência ou não de uma falsa consciência¹⁴, ou a uma possível alienação cultural-político-social, mas indica a preponderância de uma consciência imaginária¹⁵, na medida que se tem como fundamento da própria identidade associações ideais.

São estas questões que obrigam aos teuto-brasileiros agradecerem, freqüentemente, aos seus pais alemães a epopéia da origem da colonização. Se o teuto-brasileiro agradecer o suficiente aos pioneiros cai na melancolia e os fantasmas da epopéia perdem o potencial de sustento da identidade coletiva; mais que isto, a sensação da plena identidade. Nesse trajeto, a compreensão da grande saga, da epopéia e do contínuo progresso econômico do Sul passa de geração a geração, onde a pedra angular é tanto a família dos nomes-próprios alemães quanto, fundamentalmente, tudo o que é familiar à pátria-mãe¹⁶.

Na construção da epopéia teuto-brasileira, o Outro é o familiar, é tudo que se diz semelhante na montagem da própria odisséia da colonização. O familiar causa o surgimento, através da linguagem fantasmática, da possibilidade do sustento da identidade coletiva frente a heterogeneidade cultural que se apresentava na história cultural da colonização.

Notamos que os extremos prevalecem. O diverso vai às últimas consequências da estranheza e a geografia perde o vínculo regional-científico, predominando na conjuntura do imaginário. Pedacos de "Alemanha" estão em todas as partes do Sul do Brasil. Como não se consegue voltar às origens, cria-se a *Heimat* mesmo sem retornar para casa (*Urheimat*).

O fantasma mais presente que se construiu, ratificado nos anos 30 deste século, foi o da raça alemã¹⁷. Como sabemos em longas linhas, desde

14 Ao aspecto cultural da região, não cabe o julgamento político-social da formação de uma "falsa consciência". Percebemos que a consciência do "eu" cultural teuto-brasileiro é essencialmente imaginária, como já se salientou. Questão que, pelo fato de remeter a várias compreensões de mundo, não pode ser interpretada no dualismo da consciência falsa ou verdadeira.

15 Na atuação de uma consciência imaginária, a realidade imediata e cotidiana sofre uma releitura idealizada, nunca é demais lembrar.

16 O familiar é um referencial maior que garante grande parte da identidade regional. As inúmeras genealogias feitas na região talvez busquem um reforço de tal referencial como o único julgamento do que é ou não a própria cultura.

17 Ver BOSSMAN, Reinaldo. "Zur deutsch-brasilianischen Mischsprache." *Deutsch Nachrichten*, São Paulo, 25 jan., 1958; FRIEDRICHSEN, A. "Wir der Deutsch in Suedbrasilien spricht." IN: *Koseritz-Kalender*. Porto Alegre: Gundlach, 1878, pp 74-80; FALMAN, Wilhelm. "Die Sprache der Deutschen IN: *Suedbrasilien. Zeitschrift des Allgemeinen Deutschen Sprachvereins*. München, n.09, 1905; LOEW, Ulrich. "Neus Sprachgut und neue Sprachunsitten bei den Deutschen Rio grandes." IN: *Serra Post-Kalender*. Ijuí, Serrana, 1927, pp.97-107; OBERACKER, Carlos H. "Neuschöpfungen der Deutschen Sprache in Brasilien." *Staden-Jahrbuch*, São Paulo, 5 1957 - pp.175-194; ... "Transformações na Língua Alemã no Brasil. IN: *Revista de*

o século XIX, o positivismo comtiano, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer assumiram uma importante posição na interpretação político-cultural ocidental, inclusive, junto da *intelligentsia* brasileira. O evolucionismo social teve por escopo achar um sentido para as diferenças entre as sociedades humanas no decorrer da história. Através dos princípios evolucionistas sociais, a elite europeia criou a possibilidade de justificar a expansão mundial do capitalismo, procurando comprovar a existência de superioridades naturais do europeu em relação ao resto do mundo. Se, por um lado, o positivismo-darwinista-social trouxe problemas teóricos para a intelectualidade brasileira frente à questão da mestiçagem e da problemática da identidade nacional; por outro lado, deu guarida ao desenvolvimento do fantasma da raça-ariana-alemã, tão fortemente encontrado ainda na década de 1930 no Brasil: "O ideal nacional é na verdade uma utopia a ser realizada no futuro, ou seja, no processo de branqueamento da sociedade brasileira".

As leituras feitas das unidades culturais do Sul do Brasil, ainda hoje, estão impulsionadas por uma semântica que resultou da ação de significantes que, em grande parte, mantiveram-se vivas por dependerem, fundamentalmente, do não-dito. Ou seja, não foram reveladas nem pelo historiador da cultura regional, nem pelo grupo humano protagonista de tal história. Isso ocorre, por exemplo, com a teoria racial que, mesmo com suas várias significações (de Gobineau ao Nazismo), concebendo a "desigualdade das raças" humanas de maneira qualitativa, ainda pode ser encontrada no julgamento apologético do sulista, enquanto representação-mor brasileira do europeu.

A palinódia metafórica que se construiu passou a ser compreendida através de um grande número de denegações que, dado o discurso que se montou, apresentaram-se como inevitáveis. Quando o teuto-brasileiro deneiga o brasileiro diz não ao mestiço baseado no fantasma da raça. Através deste, define sua relação com o Outro, a unidade da pátria-mãe com a epopéia colonizadora que, por sua vez, garante imaginariamente a possibilidade de identidade à sua comunidade. Circularmente, o fantasma reforça a relação de identidade com o objeto denegado, no caso, o mestiço. Numa das cenas da opereta *Der Struwwelpeter* de Cesar Bresgen (baseada na obra de Hoffman) encontramos claramente uma tal situação denegatória. Trata-se da cena quando a personagem "preto-qual-carvão", é constantemente importunada por outros três meninos brancos que ficam a caçoar dele por ser preto. O senhor

Antropologia, São Paulo, 5(1), pp.1-36, 1957. _____, "Vocabulário de Palavras que os descendentes de colonos alemães acolheram na língua vulgar." IN: *Revista de Sociologia*, São Paulo, 1(3), pp.96-104, 1939; SCHADEN, Egon. "Aculturação Lingüística numa Comunidade Rural." IN: *Revista de Sociologia*, São Paulo, 4(3), pp.268-285, 1942.

educador da cena, Seu Nicolau, previne duas vezes os meninos brancos que estão a caçoar, solicitando que parem de fazê-lo, pois do contrário ameaça castigá-los. Como os meninos não param de zombar, Seu Nicolau agarra as três crianças brancas e as atira dentro de um tonel de tinta preta. O castigo está cumprido, os três meninos brancos ficaram pretos! Como na epopéia colonizadora Seu Nicolau diz "não" aos meninos que caçoam do preto. Denega seu "não" ao declarar como castigo a tez escura aos meninos brancos. Seu Nicolau identifica-se com os meninos brancos quando denega o preto. A denegação age como uma defesa¹⁸, pois o branco defende-se através da verbalização de uma sensação de desagrado. É necessário localizar no outro o que é inaceitável nele: o preto, ou seja, a raça inferior. Notamos que enquanto dependente do discurso fantasmático, a identidade aparece essencialmente conflitante, a ponto de se tornar inconcebível se depender apenas desse discurso¹⁹; pois as significações que o fantasma oferece ao desejo representam o suporte necessário que a função imaginária reclama. Unindo imagem especular e desejo, o teuto-brasileiro pode alucinar a galeria das imagens histórico-culturais da identificação narcísica que procura: "O fantasma suporta o desejo e a imagem do outro, sempre envolvida, à cena!"²⁰.

A saga epopéica dos colonos descendentes de imigrantes alemães está aí. A pátria-mãe está distante. A história está somente naquele momento em que a pátria-mãe viveu antes da existência do sujeito da saga. A gravura, o desenho ou mesmo a fotografia da pátria-mãe, alimentam uma sensação de perda do objeto de desejo. Os traços mnêmicos fragmentam-se em imagens dialéticas²¹, o que só possibilita um reconhecimento da pátria-mãe aos pedaços, como na figura de uma casa isolada ou numa planície verde. Ou seja, fantasmagorizou-se a realidade e a geografia física não mais delimita a interpretação da cena. A vontade parece estar no escopo de alcançar a essência do ser da pátria-mãe. Reconhecê-la freqüentemente na sua essência, jamais como alteridade. Sonha-se com ela mas jamais sente-se a sensação de vivê-la inteiramente. No sonho, a imagem ("velha casa alemã nos verdes

18 Defesa no sentido de possibilitar a capacidade de redução e supressão de qualquer discurso que ameace a identidade sócio-cultural do indivíduo.

19 O fantasma age sobre o universo simbólico, interpretando-o. Em nível cultural jamais poderia ter uma existência em-si. Porém, em seu aspecto imaginário, é através do fantasma que o teuto-brasileiro está aí. Está aí essencialmente enquanto fonte de prazer de identidade.

20 PÉTRY, Luis Carlos. *O Ensiador: Elementos Propedêuticos para uma Abordagem Discursiva da Psicanálise*. São Leopoldo: UNISINOS, 1986.

21 Muito próximo do que Benjamin já constatava na modernidade: "Cada época sonha não somente a seguinte, mas ao sonhá-la a força a despertar." BENJAMIN, W. *Paris, die Hauptstadt des XIX. Jahrhunderts*. Frankfurt: Suhrkamp, 1977, p.178.

prados") é a testemunha da cultura materna. No sonho, a imagem é quase ela, porém, o "quase" torna-se, com o passar dos anos, constituinte sarcástico do desejo, pois institui a inconsequência onírica. Ao sonhar com a pátria-mãe, o anseio torna-se sonhar a pátria-mãe em sua totalidade²².

O teuto-brasileiro recalcou grande parte de sua vivência cultural que lhe causou desprazer²³. Podemos perceber a ruptura que, aos poucos, foi se acirrando entre brasileiro e alemão. O grande isolamento lingüístico que durante anos ocorreu com a chamada "Colônia Alemã" e os inúmeros momentos de exaltação da "cultura alemã", seguidos de um forte solapamento do universo simbólico da colônia, articulados através de uma enorme representação lingüística que adquiriu seu auge durante o Estado Novo, foram fatores político-ideológicos que só fizeram acirrar a construção narrativa da metáfora do alemão.

A colonização alemã tornou-se o resultado de medidas e atitudes coerentes, decididas e positivas. A miséria dos pioneiros²⁴ transformou-se em heroísmo. Os colonos são objetivos, decididos, corajosos e vencedores. No imaginário epopéico, o abandono à própria sorte é uma grande e constante marca: — O abandono de quem escapou da pátria-mãe e não voltou mais. A narrativa lembra que o filho jamais voltará. A epopéia²⁵ colonizadora é a história do filho pródigo que não voltou, mas que venceu em um novo mundo. Novo, mas não seu, pois o seu mundo continua com a pátria-mãe.

O que se denominou aqui a metáfora do alemão, é a expressão modelar de alemão construída, fundamentalmente, pelo *Deutschtum* ao longo dos séculos XIX e XX. Começamos a notar que a região havia passado por um

22 No sonho da idealização cultural, o ideal aparece de forma totalizante e não fragmentada.

23 Uma análise do recalque cultural procuramos desenvolver em nossa tese de doutoramento citada acima.

24 Beitrag zur Geschichte von Nova Petrópolis. BERICHT. Nova Petrópolis: Prefeitura Municipal, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1988.p.87; a publicação foi bilingüe, em português e em Hunsrück: Als wir in dieses Land gekommen sind, hat meine Mutter sich eine Kiste gesetzt und hat anfangen zu weinen: — Wo ist denn die Kirche? Wo ist die Schule für meine Kinder?".

25 A metáfora do alemão não trata unicamente da construção conceitual e discursiva de "alemão", elaborada pelo nacionalismo prussiano do século passado. Trata-se, fundamentalmente, da elaboração conceitual que se criou no meio regional analisado. Nesse sentido a metáfora do alemão remete à questão do recalque cultural regional, enquanto possibilidade de verbalização deste. Do não sentido unívoco da regionalidade cultural, surge o sentido totalizante da metáfora do alemão? " O acontecimento histórico interpretado como sintoma revela constituir uma metáfora de algo impossível de ser dito, efeito de estrutura, causalidade necessária, não uma contingência. Tanto Marx como Freud consideram o sintoma como a expressão de algo que vai além de um desajuste em si mesmo: o lêem como efeito de uma legalidade não apreensível diretamente." TUNUN, J.F. & ABUNDARA, C. "Da Instituição do possível à impossibilidade de uma instituição." IN: RODRIGUES, S.A. & Berlinck, M.T. *Psicanálise de Sintomas Sociais*. São Paulo: Escuta, 1988, p.175.

movimento cultural profundamente palinódico que, justamente por ser heterogêneo, necessitou ser negado em vários momentos. Apontando no presente a ausência da pátria-mãe, suprimiu-se, através da ação dos fantasmas, a morte do mundo material daquela. Foi o falecimento simbólico da pátria-mãe o responsável por um caráter palinódico e compreensão da cultura da região²⁶. O discurso do Grande Outro Epopéico, ou seja, aquele que aponta a vitória do imigrante-colono, é possibilitado pela ausência presente da pátria-mãe. "Alemão", então, tornou-se o comando cultural principal à toda lembrança fantasmática. Através da articulação dos fantasmas afirmava-se metaforicamente que nada do que existiu desapareceu, pois o teuto-brasileiro definiu-se no modelo de alemão sustentado pelo imaginário da epopéia²⁷.

O fenômeno do simbólico repetitivo de alemão, conseqüência da sobreposição idealizada de imagens que aparece no imaginário cultural do teuto-brasileiro, começou a expressar, a partir de determinado momento, uma enorme necessidade de identificação. Mais que isso, tratou-se de uma expectativa de reviver a pátria-mãe e eliminar a angústia do abandono. Cada imagem da pátria-mãe, enquanto objeto de desejo perdido, era substituída por uma outra formação imaginária que tenderia, circunstancialmente, diminuir a ansiedade pela identificação. Neste interim, as manifestações culturais regionais são justamente o mundo menos explorado pelo discurso da metáfora do alemão, aparecendo como alvo do discurso elitista germanista e como uma expressão cultural grotesca, que chamamos a linguagem superlativa do realismo cotidiano colonial. Esta representa o esquecimento do esquecimento cultural do Sul do Brasil.

Porém, as conseqüências da atuação de discursos germanófilos, transcendem a região do extremo Sul do Brasil e mesclam-se no senso comum ou mesmo no científico, até os dias de hoje. Seguindo tais tradições de caráter apofântico, sabemos que o alemão traz junto de si uma série de significações

26 O fato de não se encontrar a pátria em totalidade no Sul do Brasil causou uma contínua sensação de que ela (p.mãe) havia morrido. Porém, notamos que quanto mais reforçou-se a sensação de inexistência da pátria-mãe, mais sua participação aumentava em todo discurso fantasmático. A freqüente morte simbólica da pátria-mãe reforça, então, não só o discurso fantasmático como a expressão da metáfora do alemão.

27 Objetivando a proposta de discorrer sobre a construção narrativa do imaginário cultural, e tendo por base os enunciados acima expostos, cabe uma pergunta central: do que é formado o imaginário cultural? Podemos arriscar uma generalização dizendo que são imagens à busca de uma realização do desejo. Podemos, igualmente afirmar que são fragmentos de imagens, que por alguma razão se armazenaram na memória coletiva. Tais fragmentos agiram através de um estado de sobreposição de imagens, traçando a tópica do imaginário cultural no momento de simbolização material. No Sul alemão, a negação da fragmentação cultural tornou-se questão de sobrevivência e conservação da cultura regional.

reducentes de sua enorme diversidade cultural. Geralmente o "alemão" é apresentado como um indivíduo metódico e altamente organizado²⁸. O "alemão" sofre um paradoxo: representa um indivíduo metafísico que se divide entre um anseio idealista de harmonia e a inabalável convicção de haver nascido para dominar. Esse último sentido é sempre o que prepondera. O "alemão" é apegado à terra, aplicado e competente, o que pode justificar seu sucesso econômico. O caráter metódico e sistemático que possui o "alemão" acaba causando um empobrecimento de sua afetividade. Seu lado afetivo, aparece na sua relação com a ciência ou em movimentos de caráter messiânico e fanático²⁹. O desejo do "alemão" estar no Brasil quase sempre não existe, o que parece nos passar a idéia de que ele quase sempre despreza a cultura do outro: faz parte do poder de adaptação dos "alemães" à sua cultura, tão superior e que garante seu equilíbrio racional³⁰. A superioridade racial do "alemão" leva à idiotia e à psicastenia. Sua relação sinestésica com o mundo faz seu poder de adaptação tornar-se monotonia³¹. O "alemão" mantém sua casa limpa, ordenada e ornamentada, porém, essa ordenação é apresentada como signo de esterilidade, assim como seu senso comercial pode, tranquilamente, chegar às raias do oportunismo inescrupuloso. O "alemão" é loiro, de olhos azuis, alto e forte, características da raça.

A questão central está clara: o indivíduo que se intitula "representante da cultura alemã", reconhecendo-se como teuto-brasileiro, carrega estas imagens extremamente conflitantes com as de "brasileiro". Muitas vezes acontece que a rede de significantes que sustenta os significados de "alemão", quando posta ao avesso, sustenta significados de "brasileiro".

Nesse interim, é possível compreender que a consciência tomada pelo teuto-brasileiro de si, torna seu ser cultural uma grande denegação. Ao identificar-se como teuto, denega o brasileiro e, ao dizer "brasileiro" denega o teuto. Sua "dupla identidade" aprofunda-o numa enorme crise com seu universo simbólico. A necessidade de repetir os significados de "alemão" simboliza, prioritariamente, uma falta presente. Através da articulação dos fantasmas, a perda do objeto de desejo tornou-se mais suportável, percurso imaginário fundamental na construção das significações culturais da região.

28 Como Elza em *Amar, Verbo Intransitivo* de Mário de Andrade.

29 Como o julgamento da seita "Muckers". Ver PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz. Os Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

30 Maniqueísmo cultural aprofundado após a "campanha nacionalizadora" de Vargas durante o Estado Novo.

31 O universo simbólico que ainda na década de 1930 era identificado apologeticamente como "alemão", passou a ser identificado na década de 1940 como "brasileiro", o que deveria acontecer, pacificamente, ou não.

BAIRON, Sérgio. O fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão.

Chegamos assim, à compreensão que aponta a epopéia da colonização como presença denegada de significações esquecidas e recalçadas. Colônia Alemã significa, acima de tudo, uma colonização imaginária, levada a efeito pelos mais variados discursos germistas e nacionalistas brasileiros. Colônia Alemã é, essencialmente, discurso!

ABSTRACT: The phantom of cultural unity in the palinodic metaphor of Brazilian Germans is presented as an understanding of "European culture" in southern Brazil. The belief that a Germany or Italy was recreated in microregions in Brazil is still clearly present at the end of this century. The current challenge for an understanding of this history covers two controversial issues. On one side, a cultural psychoanalysis, which may make an exploration of psychoanalysis as a language theory possible as a North-American culturalist project. On the other hand, a hermeneutical culture which has as purpose the identification of universal meanings and is present in such regions. This article doesn't fit into the obscure paths of the current History of Mentalities in regard to Psychoanalysis or to a hermeneutical culture.

KEY-WORDS: phantom, metaphor, palinodic, other, denegation.